



PERTENCIMENTO RACIAL E PRIMEIRA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DE ATIVIDADES LÚDICAS

RACIAL BELONGING AND EARLY CHILDHOOD: AN ACCOUNT OF EXPERIENCES ABOUT THE VALUE OF AFRO-BRAZILIAN CULTURE THROUGH LUCKY ACTIVITIES

Ana Paula Pereira Barbosa¹
Gláucia de Andrade Silva Marinho²
Juliana Prates Santana³

Manuscrito recebido em: 27 de março de 2022.

Aprovado em: 06 de setembro de 2022.

Publicado em: 24 de outubro de 2022.

Resumo

Objetivo: Descrever uma intervenção realizada com crianças em idade escolar, com o intuito de contribuir para a valorização da diversidade étnico-racial, e estimular o pertencimento racial de crianças negras, numa articulação intersetorial saúde-educação através de recursos lúdicos. **Métodos:** As atividades foram realizadas no período de setembro a novembro de 2019, em uma instituição de ensino pública municipal de Salvador, com crianças de cinco a seis anos de idade, matriculadas no primeiro ano do ensino fundamental. **Resultados:** Através desta abordagem foi possível verificar uma positiva assimilação dos elementos da cultura afro-brasileira apresentados às crianças, além da criação de uma perspectiva futura de articulação maior e mais frequente dos espaços de cuidado/promoção de saúde infantil com escolas públicas geridas pelo município de Salvador, atuando enfrentamento das vulnerabilidades, reforçando a necessidade de uma educação antirracista e minimizando os impactos do racismo. **Conclusão:** esta obra sinalizou lacunas no eixo saúde-educação com a proposição de que sejam preenchidas com uma maior compreensão de que a valorização da diversidade étnico-racial deve ser abordada também nos ambientes escolares, como um dos fatores essenciais na promoção do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Assistência Integral à Saúde; Fatores Raciais; Biodiversidade; Desenvolvimento Infantil.

Abstract

Aim: to describe an intervention carried out with school-age children, contributing to the valorization of ethnic-racial diversity, and encouraging the racial belonging of black children, in an intersectoral articulation between health and education through playful resources. **Methods:** The activities were carried out from September to November 2019, in a municipal

¹ Residência em Saúde Coletiva com Ênfase na Primeira Infância pela Universidade Federal da Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4209-1102> E-mail: pereirabarbosa_a@yahoo.com.br

² Especialização em Residência em Saúde Coletiva/Primeira Infância ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3563-8827> E-mail: glauciamarinho24@gmail.com

³ Doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho/Portugal. Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Integrante do Laboratório de Relações Raciais, Direitos Humanos e Direitos da Criança e do Adolescente. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3352-9598> E-mail: juliana.prates@ufba.br



public education institution in Salvador, with children from five to six years old, enrolled in the first year of elementary school. **Results:** Through this approach, it was possible to verify a positive assimilation of the elements of Afro-Brazilian culture presented to children, in addition to the creation of a future perspective of greater and more frequent articulation of child health care/promotion spaces with public schools managed by the municipality of Salvador, acting to confront vulnerabilities, reinforcing the need for anti-racist education and minimizing the impacts of racism. **Conclusion:** It is expected that the gaps in the health-education axis will be filled with a greater understanding that the appreciation of ethnic-racial diversity should also be addressed in school environments, as one of the essential factors in promoting child development.

Keywords: Comprehensive Health Care; Race Factors; Biodiversity; Child Development.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança-PNAISC, sancionada em 2015, a primeira infância compreende a pessoa na faixa etária de zero a setenta e dois meses. Os primeiros anos de vida são considerados essenciais no processo de desenvolvimento dos indivíduos, porque o modo como se estabelece as primeiras relações entre a criança e os adultos repercutirão na forma como ela perceberá o contexto ao qual está inserida. É na relação com o outro que a criança iniciará o processo de diferenciação, entendendo-se enquanto sujeito. Assim, as primeiras experiências da vida quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, cooperação, solidariedade, responsabilidade¹. Nesse sentido, se compreende que a questão racial é uma dimensão relevante de ser analisada.

Bento¹ ao abordar o processo de construção identitária das crianças negras, afirma que para a identidade de uma criança ser construída positivamente, ela precisa ser amada pelo adulto que cuida dela e, posteriormente, por si própria. A autora ainda chama a atenção para o fato de que cada indivíduo tende a gostar das características que são mais apreciadas pelos outros. Há uma necessidade por parte do sujeito de ter imagens positivas sobre si para que possa entender a sua existência de modo harmonioso. Quando uma criança recebe mensagens contínuas de desvalorização de suas características, isto irá repercutir negativamente na sua formação identitária.

É através do toque, do olhar, da voz, dos gestos desse outro que a criança vai tomando consciência do seu corpo, do valor atribuído a ele e ao corpo dos seus pares e construindo sua autoimagem, seu autoconceito. Desse modo, quando adquire as



noções de outro, e de outro diferente, também em termos raciais, a criança já se apropriou dos elementos para a interpretação dessa diferença. A consciência de raça cresce à medida em que a idade da criança avança, mas já entre os três a cinco anos muitas já demonstram consciência dos sinais raciais^{1,2}.

De acordo com Munanga³, o conceito de raça, que outrora foi apresentado como categoria biológica, é de fato uma categoria etno-semântica, determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Assim, raça é considerada uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão. O Racismo é uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns e que estas seriam suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se estabelecem numa escala de valores desiguais. Uma tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo estão diretamente relacionadas às suas características físicas ou biológicas³.

No que concerne aos impactos do racismo nas crianças, Silva Júnior e Teixeira⁴, afirmam que o ambiente social que circunda a criança negra – marcadamente eurocêntrico e estigmatizante – e sua exposição a experiências de discriminação racial material e simbólica, operam como fatores condicionantes de sua saúde, sobretudo ao que concerne ao aspecto psíquico.

França e Monteiro⁵, em uma pesquisa realizada com 238 crianças brasileiras, sexo masculino e feminino, com idades entre cinco e dez anos, brancas, negras e “mulatas”, verificaram que crianças brancas se apresentam satisfeitas com sua pertença, enquanto dentre as crianças negras, sobretudo entre as de cinco a seis anos de idade, esse sentimento de satisfação é muito baixo. Máximo et al.⁶, realizaram uma pesquisa com 161 crianças, com idades entre 9 e 12 anos, sexo feminino e masculino, brancas, “morenas” e negras e observaram uma tendência, por parte das crianças, ao branqueamento na auto categorização racial, visto que as crianças brancas se identificaram com as figuras brancas (71%), as “morenas” tenderam a escolher as “morenas” (55%) e as negras optaram pelas figuras “morenas” (71%) e até mesmo pelas brancas (23%).



Nesta perspectiva, é possível perceber o impacto do racismo no modo como as crianças negras se reconhecem e a aceitação dos seus traços fenotípicos. Todos esses aspectos incidem na autoestima da criança negra, bem como, na sua noção de pertencimento racial. Para Bento¹, é importante criar condições que propiciem uma convivência positiva com a diferença racial, sem hierarquização e dar relevância ao compartilhamento pelas crianças pequenas, do patrimônio cultural construído historicamente pelos diferentes grupos.

Frente às estratégias de enfrentamento ao racismo, Schucman⁷, defende o uso da categoria raça tanto para a implementação de políticas públicas, bem como para o reconhecimento positivo da população negra brasileira, pois, segundo a autora, já que esta população é discriminada através da categoria raça, esta mesma categoria é a única capaz de unificá-la. Ela pontua que usar a categoria “raça” na luta antirracista significa dizer que se os negros brasileiros são discriminados por seus traços físicos e pela cor da pele, é importante pensar em uma articulação política em torno da negritude de modo que as mesmas características, que são objetos de preconceito, sejam ressignificadas positivamente e também fonte de reparação social.

Entender os impactos do racismo na construção da subjetividade das crianças negras e, conseqüentemente, no seu processo de desenvolvimento é fundamental para que de fato se possa favorecer a promoção do desenvolvimento infantil. O Plano Nacional Primeira Infância, do Ministério da Saúde⁸ preconizou que os dois contextos (educacional e o de saúde) merecem uma atenção especial, dado seu papel na produção e reprodução do racismo, como também na reeducação das relações étnico-raciais e de atendimento que respeita o princípio da igualdade. Nesse sentido, no campo da saúde, como forma de combate às desigualdades no Sistema Único de Saúde (SUS) e visando à promoção da saúde da população negra de forma integral foi criada a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, instituída pela Portaria nº 992 de 13 de maio de 2009. Esta política tem como marca o reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-raciais e do racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde, com vistas à promoção da equidade em saúde⁹. No entanto, apesar dos avanços obtidos ao longo desses dez anos de implementação da política ainda é preciso que ela seja incorporada no cotidiano dos serviços para que de fato ela se torne efetiva.



O Plano Nacional Primeira Infância, do Ministério da Saúde⁸ pontuou ainda que o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos estudantes de ascendência negra, mas também aos estudantes de outras ascendências étnico-raciais principalmente branca, pois ao receber uma educação racista pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Essa memória não pertence somente à população negra; pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram e contribuem, cada um de seu modo, na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Apesar da relevância da temática racial no setor da saúde, ainda há muito que se retratar na literatura didática e científica, para auxiliar os profissionais de saúde e da educação nesse processo de compreensão das questões étnico-raciais, sobretudo no que diz respeito ao público infantil. Geralmente, as produções científicas existentes sobre o tema são de estudiosos da área da educação com uma abordagem acerca da aplicação da Lei nº 10.639/03. São textos que tratam de experiência entre os setores saúde e educação, versando sobre o Programa Saúde na Escola (PSE), em que não há uma interligação desta proposta com a temática racial. Mesmo considerando os avanços a partir da luta do Movimento Negro e criação de políticas públicas, o que se nota é um processo de negação do racismo estrutural existente na sociedade e, conseqüentemente, dos impactos dele na constituição subjetiva dos sujeitos, principalmente no período da infância.

Este trabalho é fruto da vivência profissional em uma Unidade Básica de Saúde na cidade de Salvador, onde foi elaborado um projeto de intervenção visando contribuir: (a) na valorização da diversidade étnico-racial, numa escola de educação infantil do município vinculada ao serviço de saúde por meio do PSE do Ministério da Saúde e da Educação, instituído em 2007 pelo Decreto Presidencial nº 6.286 e; (b) contribuir para o fortalecimento de ações na perspectiva do desenvolvimento integral, proporcionando à comunidade escolar, a participação em programas e projetos que articulem saúde e educação, com a elaboração de uma estratégia conjunta para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros¹⁰.



RELATO

A abordagem desenvolvida neste relato de experiências surgiu a partir de uma exitosa atuação profissional no “Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva com Ênfase na Primeira Infância no Contexto do Zika Vírus”, a REDICa, oferecido pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia e pela Escola de Saúde Pública do Estado da Bahia, na cidade de Salvador.

A experiência obtida numa formação anterior de Residência em Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Mental adicionada à formação em Psicologia, levou a autora deste relato à perceber que haviam lacunas sobre a compreensão do racismo e sobre o comportamento de pertencimento étnico-racial de crianças em seu contexto escolar. Como a proposta atual visava uma abordagem com inúmeras crianças e diante dos desafios de planejar as atividades e executá-las sem comprometer a rotina escolar, uma parceria com uma sanitarista foi estabelecida.

Assim, todo o processo de execução das atividades como brincadeiras, desenhos, bem como os enfrentamentos dos obstáculos que surgiram na disponibilidade da escola foram compartilhados entre as duas profissionais, uma psicóloga e uma sanitarista.

Adicionalmente, todas as discussões fomentadas a partir das atividades executadas e dos comportamentos identificados nas crianças, foram levadas pela autora deste trabalho para o espaço de tutoria da Psicologia da REDICa, quinzenalmente. Neste momento, a autora junto com sua tutora, também psicóloga, refletiam sobre as atividades, como elas reverberaram nas crianças e os desdobramentos identificados.

- Contexto

A intervenção foi realizada em uma escola de educação infantil gerida pelo município de Salvador, que atua com a pré-escola (Grupos 4 e 5), o ensino fundamental I (1° ao 5° ano) e do EJA (Educação de Jovens e Adultos). A instituição tem atualmente, seiscentos e cinquenta e três estudantes matriculados, tendo vinte e



sete turmas. No momento da intervenção contava com uma equipe de trinta professores e tem vinte e sete turmas segundo dados da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Salvador, do ano de 2019.

- Participantes

A experiência foi possível através da convivência com crianças matriculadas no primeiro ano do ensino fundamental I, do turno matutino, na instituição citada, com idade entre cinco e seis anos. A maioria das crianças residia no mesmo bairro onde a escola está localizada e quase todas foram consideradas negras (pretas e pardas), conforme a heteroclassificação. O bairro em questão é Pernambués, um dos bairros mais populosos da cidade de Salvador, onde observamos facilmente locais com situações insalubres. Dados oficiais extraídos do portal ObservaSSA (<https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/pernambues>), apontam que este bairro periférico, em 2010, contava com uma população total de 64.983 habitantes, a maior parte se autodeclarou parda (54,68%) e preta (27,77%), 0,39% dos responsáveis não eram alfabetizados.

- Eixos de atuação da Intervenção

Inicialmente foram previstos 10 encontros que teriam como eixos de atuação: contribuições dos diferentes grupos étnico-raciais na cultura brasileira com recorte para as brincadeiras e músicas infantis; valorização de distintas formas estéticas por meio de personagens infantis; ressignificação dos papéis ocupados pela população negra utilizando desenhos e filmes infantis que representem a diversidade étnico-racial; fortalecimento da cultura negra com ênfase na construção de instrumentos musicais afro-brasileiros.

- Recursos materiais



Os recursos utilizados foram: (a) livros que abordavam a questão da diversidade, especialmente no que diz respeito à temática étnico-racial (estética afro-brasileira, questão de gênero, valorização dos elementos da cultura afro-brasileira); (b) giz de cera produzido pela Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola (UNIAFRO), com a finalidade de contemplar as diferentes tonalidades da cor da pele negra; (c) materiais recicláveis para confecção de brinquedos voltados à temática como, por exemplo, a boneca Abayomi, para facilitar brincadeiras originárias de países africanos e na construção de instrumentos musicais afro-brasileiros.

- Procedimentos

Inicialmente foi realizado um contato prévio com a coordenação da escola para saber a disponibilidade da instituição em acolher o projeto. Em seguida, foi formalizada a solicitação de autorização da Secretária Municipal de Educação (SMED) para execução dele, e após deferimento do pedido, foi feita a apresentação deste projeto na escola e a organização da ação (escolha da turma, definição do turno/dia/horário, contato com os familiares para apresentação da proposta e autorização deles). Uma apresentação do projeto também foi realizada tanto para os profissionais da Unidade de Saúde da Família (USF), bem como à professora da turma escolhida pela coordenação da escola e para a equipe do serviço que desenvolve o PSE na escola, tendo a participação da enfermeira, do odontólogo, auxiliar de saúde bucal, cinco agentes comunitários de saúde.

No que diz respeito à escolha da turma com a qual seria desenvolvido o projeto, a definição ocorreu pela própria coordenação da instituição, sob o argumento de que era uma “turma com crianças de manejo complexo”, pois, geralmente, durante as aulas eram inquietas. Foi mencionada por eles uma frequência irregular de algumas crianças, o que contabilizava um total de dezoito a vinte crianças frequentando de forma assídua. Além disso, tanto a professora da turma quanto a coordenação falaram da “dificuldade de parceria com as famílias”, atribuindo a esses atores uma parcela da responsabilidade pelo comportamento dos filhos em sala de aula. Outro fato apontado como dificultador na relação com as crianças era o fato de a professora estar num processo de desgaste físico (com problemas de saúde originados da



atividade laboral) e na expectativa da aposentadoria. Assim, eles acreditavam que a turma poderia se beneficiar do projeto, tanto por ser uma temática não trabalhada com elas na escola, como pela utilização de recursos lúdicos na metodologia proposta.

A escolha da “turma difícil, problemática, irreverente” é uma constante na relação da escola com os profissionais da Psicologia, sendo um desafio superar essa perspectiva “naturalizada” da dificuldade, da incapacidade, sobretudo quando este contexto está vinculado à criança negra.

Com relação ao contato com as famílias das crianças, estava previsto a realização de um encontro com os responsáveis para apresentação do projeto e preenchimento da ficha de identificação das crianças (nome, idade, escolaridade, religião, raça/cor por autodeclaração), de modo que se pudesse caracterizar o grupo. No entanto, foi sinalizado pela coordenação da escola que não seria possível acessar as famílias de forma presencial, pois elas já estavam sendo acionadas para o processo de eleição que estava ocorrendo na instituição. Desta forma, foi sugerida a confecção de um documento escrito com uma breve apresentação da proposta e solicitação da autorização deles. Porém, considerando os possíveis impactos do envio da ficha de identificação no entendimento dos familiares sobre o projeto, foi mantida somente a proposta do informe que seria enviado nos cadernos das crianças. No entanto, no período em que a autora disponibilizou o documento coincidiu com o momento em que os encontros foram suspensos devido a intercorrências na escola, feriados e ponto facultativo, não tendo sido realizado este contato com as famílias.

Respeitando o período de eleição da escola e feriados e ponto facultativo programados previamente pela escola, dos dez encontros previstos na proposta inicial, ficou pactuado somente seis encontros, as segundas-feiras, no turno da manhã, com duração de uma hora e meia.

- Os encontros

Na última semana do mês de setembro foi realizado o primeiro contato com as crianças. Neste primeiro encontro, a residente idealizadora deste projeto contou com o apoio de uma outra profissional sanitária que também fazia parte do mesmo programa de residência. Desta forma, foi feita a apresentação da proposta



para as crianças e explicado de forma breve sobre a nossa atuação no serviço de saúde. Nesta atividade participaram dezoito crianças (três do sexo feminino e quinze do sexo masculino). A professora que estava à frente da condução da turma se mostrou receptiva à proposta, porém informou que não seria possível acompanhar toda a atividade devido as demandas internas que precisava realizar.

As crianças mostraram-se interessadas, mas houve vários momentos de dispersão durante a dinâmica de apresentação sugerida, sendo possível notar um interesse maior de toda a turma pela produção de desenho. Foram presenciados alguns momentos de conflitos entre elas (disputa pelo lápis de cor, comportamento verbais e físicos mais agressivos), porém quando foi desenvolvida uma atividade de movimento corporal, as crianças se envolveram e começaram a interagir entre elas de forma mais colaborativa. Quando foi apresentada a brincadeira da “amarelinha africana”, as crianças estranharam, pedindo, inicialmente, para brincar da amarelinha convencional, mas depois se envolveram e repetiram a brincadeira. Ao final da atividade, falamos com as crianças sobre a continuidade da atividade.

Considerando situações imprevisíveis, como ponto facultativo e feriado no mês de outubro, adoecimento da professora e a ocorrência de um problema hidráulico na escola, o segundo encontro só foi possível ser realizado no mês de novembro. Neste dia, foi interessante notar que as crianças reconheceram a residente executora do projeto, mesmo com o intervalo de tempo entre os encontros. No primeiro momento foi feito um resgate do encontro anterior, esclarecido novamente o projeto e, posteriormente, iniciado a proposta do dia. Como o *feedback* das crianças foi positivo com relação a produção de desenhos, esta atividade foi mantida e como modo de sondagem da percepção delas acerca dos personagens infantis. Todos os desenhos confeccionados pelas crianças reportavam aos personagens mais veiculados pela mídia (Minions, PJ Masks); algumas crianças desenharam brincadeiras/lugares que gostavam de brincar (Figura 1).



Figura 1. Produção de desenhos pelas crianças

Finalizado o momento da confecção de desenhos, foram propostas algumas brincadeiras como Escravo de Jó, porém com o movimento do corpo; lenço atrás, onde as crianças sentadas pegavam o lenço e corriam tentando pegar o lenço que deixou no seu lugar e outras sugeridas por elas também. Foi possível perceber que havia crianças não queriam participar da brincadeira proposta e começaram a brincar com bonecos ou entre elas mesmas. Foi notado também que as crianças lembravam da brincadeira de “amarelinha africana”, inclusive duas que começaram a cantar o refrão da música.

O terceiro encontro teve como proposta a exibição de alguns episódios de desenhos infantis com personagens negros: Guilhermina e Calendário, Nanã e Nilo, Bino e Fino (Figura 2). Este momento foi realizado na sala multifuncional por ter os recursos audiovisuais necessários. Ao adentrar a sala algumas crianças demonstraram uma curiosidade de exploração do espaço, aparentando não



ser um ambiente de circulação e utilização por elas. Foi notado que havia crianças que conheciam os personagens e uma delas já havia assistido um dos episódios exibidos. Um tema abordado por um dos desenhos fazia menção a questão de gênero, narrado por algumas crianças durante uma cena da menina jogando futebol junto com os meninos. Ao pedir para que elas confeccionassem um desenho sobre o que mais gostaram dos episódios exibidos, a maioria retratou a cena do futebol mencionada.



Figura 2. Exibição de desenhos infantis com personagens negros

O desenho Bino & Fino Bino trata de dois irmãos gêmeos que vivem na África subsaariana e ao lado da amiga, a borboleta Zeena, a cada dia descobrem aspectos diferentes sobre o mundo, vida e a história do continente. Já Guilhermina e Candelário é uma animação infantil dedicada às crianças de 4 a 8 anos. A série mostra o cotidiano cheio de descobertas e grandes aventuras de dois irmãos negros, que levam uma vida



simples, mas feliz, numa praia colombiana. Enquanto Nana & Nilo é uma série de aventuras protagonizadas por uma dupla de crianças muito inteligentes e curiosas. Nana e seu irmão gêmeo, Nilo, ao lado de Gino – o passarinho verde – e sobre a árvore encantada Mulemba voam para muitos lugares. O casal de gêmeos segue em busca de respostas para questões da infância, charadas e diversas curiosidades¹¹⁻¹³.

Com relação ao quarto encontro, este foi realizado já na última semana do mês de novembro. Neste dia foi bem desafiador o manejo com as crianças, pois elas estavam mais agitadas do que o habitual e ocorreram conflitos entre elas. Apesar da proposta do dia contemplar a produção de desenhos e brincadeiras de movimento com o corpo, as crianças estavam mais dispersas. Em vários momentos foi necessário intervir, pois alguns acabaram culminando em agressões físicas. Mesmo com o retorno da professora para sala, as crianças continuaram os conflitos, não sendo possível conversar com elas sobre o processo de fechamento do projeto na escola.

No intuito de compreender melhor o que poderia ter gerado aquela situação na sala com as crianças e também para pactuar o fechamento da intervenção com a coordenação da escola, foi conversado com um dos gestores da unidade escolar, sendo informado que, possivelmente, o fato das crianças terem passado por uma semana de avaliações escritas poderia ter ocasionado este comportamento mais agitado entre elas. Foi dado um retorno acerca das atividades realizadas e da percepção da residente idealizadora deste projeto sobre o impacto da intervenção nas crianças. Consideramos que apesar de não ter havido uma longa discussão e reflexão, este impacto foi avaliado a partir dos comportamentos observados, descritos a seguir. Pequenos gestos, atitudes, mudanças na forma de prender o cabelo, falas soltas, entre outras reações faciais, foram instrumentos para uma percepção sobre como todo o conteúdo discutido nestes 3 encontros, favoreceu minimamente o contato delas com uma narrativa que não era trazida no contexto escolar.

O Quadro 1 ilustra as atividades descritas acima, apresentando uma cronologia das atividades propostas e descrevendo os comportamentos observados após a execução de cada atividade.



Dossiê Temático SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA: PRÁTICAS E REFLEXÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS

Quadro 1. Descrição cronológica das atividades propostas e os seus respectivos comportamentos observados.

Os encontros	Atividades desenvolvidas		Comportamentos observados	
1º encontro	Primeiro momento	Apresentação da psicóloga e da sanitarista, explicando a proposta da atividade. As crianças também se apresentaram em seguida.	As crianças participavam da arrumação do espaço e depois se sentavam em roda junto com as profissionais.	Não houve muito diálogo com a escola sobre esta atividade e nem parceria com a professora da turma,
	Segundo momento	“Amarelinha africana” As crianças faziam os movimentos desta atividade, de acordo com o que a música exigia.		A atividade da “Amarelinha Africana” foi muito bem aceita, as crianças aceitaram esta proposta.
	Terceiro momento	Era questionado às crianças sobre o conhecimento prévio da atividade proposta.		-----
2º encontro	Primeiro momento	Após se organizarem em roda sentadas no chão, as crianças falavam sobre os personagens mais gostavam.	Propostas de desenhar estes personagens, porém com lápis com diferentes tons de marrons.	As crianças relataram nunca ter visto os diferentes tons de marrons em lápis de cor. Algumas crianças começaram a identificar qual deles mais se aproximava ao seu tom de pele
	Segundo momento	Música “Palavra cantada”, que fala sobre os países dos continentes africanos.	Foi solicitada a realização dos movimentos a partir do que era dito na música, trabalhando os sons do corpo.	Dispersão de algumas crianças
	Terceiro momento	Brincadeira “Escravo de Jó”, com a proposta de trabalhar movimentos corporais ao invés de seguir o tradicional, que era passar o objetivo.	Brincadeira “pegar o lenço”, com o comando de pegar o lenço atrás do seu corpo e correr para pegar o colega.	Um das crianças puderam falar das crianças e querer fazer adaptações.
	Quarto momento	Fechamento do encontro		As crianças participaram da conversa, mas por um período breve.
3º encontro	Primeiro momento	Inicialmente havia uma proposta de retomar a memória das atividades do 2º encontro, sobre as brincadeiras e as informações escutadas sobre o continente africano.	Mas essa conversa não foi realizada, porque neste dia houve mudança de sala.	As crianças começaram a se debruçar no conhecimento daquele espaço novo, e a novidade trouxe um comportamento mais agitado. Isto impossibilitou a discussão e retomada dos assuntos.
	Segundo momento	A proposta seguinte prevista era a exibição de 3 desenhos animados: “Guilhermina e calendário”, Nanã e Nilo, Bino e Fino.	Todos estes desenhos tinham abordagens relacionadas à questão étnico-racial, de gênero e ancestralidade.	Algumas crianças conheciam os desenhos. Todas as crianças apontaram que o episódio que mais marcou foi o desenho “Bino e Fino”, em que a menina jogava bola. E havia uma avó no desenho que incentivava esta ação. As crianças comentaram com muita naturalidade e foi percebido uma identificação com esta personagem.
	Terceiro momento	Foi solicitado às crianças que desenhassem o personagem que mais gostaram.		A maioria desenhou o momento do jogo de bola.
4º encontro		Este encontro foi planejado entre as profissionais deste trabalho e a escola, mas ele não foi possível de ser realizado.	A escola apresentou um discurso muito resistente, sem colocar-se à disposição de avaliar o contexto da escola. Não houve interesse em desenvolver mais atividades seguindo a perspectiva da discussão de raça e gênero.	-----

Fonte: Elaborado pelas autoras.



DISCUSSÃO

O primeiro aspecto a ser considerado nessa discussão refere-se à vivência de uma insuficiente oportunidade de intervenção, afinal os dez encontros previstos, não foram completados na sua totalidade. Foram poucos os contatos com a equipe pedagógica da escola e principalmente com a professora regente; além de poucos recursos disponibilizados terem sido efetivamente utilizados. Isto refletiu a grande dificuldade de articulação entre os setores saúde e educação, e a falta de integração da temática racial no currículo da escola.

Entretanto há que se reconhecer como resultado desta experiência, dois relevantes benefícios: a aceitação das crianças à luz da perspectiva étnico-racial, com as atividades que foram propostas e o contato delas com elementos da cultura afro-brasileira que até então poucos haviam acessado. Ressalta-se ainda a perspectiva futura de uma articulação maior e mais frequente com escolas públicas geridas pelo município de Salvador, reforçando a necessidade de uma educação antirracista, contemplando no seu Projeto Político Pedagógico (PPP) a diversidade étnico-racial a partir da implementação da Lei 10639/03.

- A vivência das crianças com elementos da cultura negra

Um importante aspecto percebido durante a intervenção é que as crianças têm pouco contato com elementos da cultura negra no seu cotidiano e isso ficou evidenciado pela surpresa e no primeiro momento estranhamento com o qual as crianças interagem com esses novos elementos. O espanto com lápis de cor que possuem os tons que representam a diversidade étnico-racial na cor da pele, a animação com as brincadeiras de origem africana e o interesse pelos desenhos infantis com personagens negros evidenciam que há um espaço a ser ocupado com elementos culturais afro-brasileiros e africano. Ficou evidente que as crianças desconheciam muitos desses elementos, havendo durante a exibição dos filmes, por exemplo, um desconhecimento dos personagens. Após a exibição de alguns episódios, apenas três ou quatro crianças fizeram referência de já tê-los visto em momentos anteriores.



Esse contato com materiais e elementos que apresentam uma estética da cultura negra, assim como a presença da residente responsável pelo projeto que é negra, possibilitou algumas mudanças. Uma dessas mudanças, pôde ser percebida em uma menina que desde o início do projeto usava o cabelo sempre com tranças soltas e na semana seguinte a exibição dos desenhos, ela começou a ir com o penteado que deixavam os cabelos mais soltos. Ao elogiar a criança, ela esboçou um sorriso tímido. Em outra ocasião, as crianças começaram a relatar semelhança entre o penteado desta aluna com a da residente responsável pelo projeto. Até o momento de finalização da intervenção, este foi o penteado que a menina sempre usava.

De acordo com a Rede Nacional Primeira Infância, do Ministério da Saúde⁸, em seus primeiros anos de vida, a criança negra, comumente, não encontra exemplos com os quais possa se identificar. São ainda poucos os brinquedos infantis que representem a cor negra da pele, os cabelos crespos, ou mesmo a cultura negra; bonecos e bonecas são quase exclusivamente brancos, muitos de cabeleira loura; rara a visibilidade de negros e negras em peças publicitárias ou com imagem veiculada de modo positivo, nos meios de comunicação; temos que apontar a importância de acesso e divulgação de livros didáticos e materiais sobre a cultura dos ancestrais africanos, sem que fiquem reduzidos à história da escravidão. É necessário ressaltar a importância de as crianças negras terem acesso a uma outra narrativa sobre o ser negro que não seja a partir de uma perspectiva eurocêntrica e que coloquem a população negra no lugar de subserviência e desvalorização. Souza¹⁴, em seu livro “Torna-se Negro”, já ressaltava que uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo.

- Interseccionalidade: diálogo sobre “gênero” e “raça” no contexto escolar

A Interseccionalidade visa capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Deste modo, trata especificamente da forma pelo qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outros¹⁵.



Um outro momento relevante deste projeto, ocorreu durante a exibição de um dos episódios do desenho “Bino e Fino” (o próprio nome Fino para uma criança do sexo feminino já gerou estranhamento por parte das crianças) em que a personagem do sexo feminino estava triste, pois acreditava que não poderia jogar bola por ser uma menina. Para surpresa, em conversa com a avó ela encoraja a neta a entrar para o time de futebol, e Fino é a única menina no time tendo um desempenho no jogo que contribui para o time ganhar a partida. Essa foi a cena mais retratada nos desenhos confeccionados pelas crianças. Uma das meninas relatou sua preferência pelo futebol e alguns meninos esboçaram achar natural menina jogar bola. Considerando a categoria gênero como um elemento importante no processo de desenvolvimento infantil, Ramos¹⁶ afirma que as crianças subvertem os discursos que tentam capturá-las como sujeitos de uma infância universal, natural e homogênea. As crianças borram as fronteiras entre os universos masculinos e femininos. Ao darem novos significados aos brinquedos que lhes são oferecidos, ao se fantasiarem e jogarem com quem e o que lhes interessa, ao fazerem escolhas e agirem diferentemente daquilo que se espera delas, as crianças fazem com que o poder circule.

- Quando a temática racial é inserida no PPP da escola

Apesar da Lei 10.639/03, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, ter sido sancionada há quase vinte anos, a inserção da temática racial no contexto escolar ainda tem sido incipiente, sendo o mais comum à realização de ações pontuais, sobretudo, no mês de novembro em que se comemora o dia da Consciência Negra. É importante que o ambiente escolar se torne um constante espaço promotor de saúde e, sobretudo, atue numa perspectiva antirracista, contribuindo, assim, para uma educação de fato inclusiva e mais próxima do cotidiano das crianças.

Nesse sentido, foram identificados equipamentos sociais no município de Salvador que vem conseguindo efetivar em sua rotina a temática racial. Comparou-se duas escolas localizadas em bairros populares da cidade e que atuam com um público infantil majoritariamente negro. Com relação à faixa etária contemplada por estas unidades escolares, uma atende um público de 2 a 5 anos de idade



(educação infantil) e a outra atende um público de 6 a 11 anos (ensino fundamental I). O contato com a primeira instituição se deu a partir de uma articulação intersetorial realizada durante o período em que a autora esteve inserida em uma USF no mesmo território da escola. No caso da escola de ensino fundamental I, o contato ocorreu a partir de uma visita realizada em que foi possível o diálogo com a coordenação da instituição, em que foi apresentado de forma breve todo o trabalho que vem sendo desenvolvido por eles ao longo desses quatro anos de implementação da Lei.

O trabalho que vem sendo desenvolvido pela escola de educação infantil tem incorporado em seu PPP a Lei 10.639/03, tendo em seu acervo de livros um quantitativo expressivo voltado à temática, sendo estes trabalhados de forma permanente pela unidade escolar. Além disso, a escola tem desenvolvido parcerias com projetos que também atuam nesta perspectiva como Projeto “Eu Brinco, Eu Existo!” da Amora Bonecas. A escola também realiza anualmente uma Festa Literária em que teve em uma das suas edições como tema principal a história infantil “OBAX”.

No caso da escola do ensino fundamental I, há quatro anos que a instituição incorporou em seu PPP a Lei, inicialmente, com um processo de sensibilização dos professores que compunham o quadro profissional da escola e, posteriormente, com a realização de encontros com os familiares das crianças. Atualmente, a escola vem realizando anualmente uma mostra em que os temas são relacionados ao processo de pertencimento racial das crianças. O processo de construção da Mostra é desenvolvido durante todo primeiro semestre do ano letivo, tendo as crianças como os principais protagonistas. Além disso, a escola tem atuado na perspectiva de reconhecimento do território por parte das crianças, como também da história da sua ascendência. Existe também uma articulação com outros dispositivos do território (formais e informais/ intersetoriais), além de projetos parceiros que também atuam com este mesmo foco.

Na preocupação de uma reflexão sobre o processo de pertencimento, de curricularização da discussão raça/gênero, foi importante discutir sobre diferentes espaços de construção do saber. Ainda assim, entendemos que são bem comuns alguns desafios enfrentados pelas escolas: (a) pouco suporte ofertado pelo município; (b) muitas das ações desenvolvidas por estas instituições só ocorrem a partir de uma proatividade dos atores envolvidos, mesmo não tendo os recursos materiais



necessários (livros de literatura infantil disponíveis não contemplam a representatividade da diversidade étnico-racial, por exemplo). Em contrapartida, um dos aspectos importantes narrados pela coordenação de uma das escolas é a diminuição de depredação do patrimônio público, baixa evasão escolar, maior quantitativo de crianças e familiares se autodeclarando como preto em sobreposição da cor parda, como era comum acontecer, uma diminuição de queixas relacionadas a dificuldade de aprendizagem, e conseqüente melhora no rendimento escolar das crianças.

- O olhar estereotipado sobre a criança negra na escola

Oliveira e Abramowicz¹⁸, em pesquisa realizada com crianças no contexto de educação infantil, afirmam que as crianças negras vivem diversas experiências que as levam a construir uma autoimagem negativa. As autoras asseveram que há um tratamento diferenciado em relação às crianças negras e brancas, baseado em uma linguagem não-verbal, atitudes, gestos e tons de voz que reforçam o racismo e a rejeição por parte das crianças negras em relação ao seu pertencimento racial.

Nesse sentido, é importante refletir a respeito do discurso produzido pela escola em relação as crianças da turma em que a intervenção foi realizada. A compreensão de uma “turma de difícil manejo”, em que já haviam sido feitos vários investimentos pedagógicos sem êxito eram recorrentes tanto entre os gestores como os docentes da instituição.

Desta forma, de acordo com Oliveira e Abromowicz¹⁸, é fundamental que os profissionais que atuam no contexto escolar tenham um saber da temática racial, de modo que possam ter clareza das suas atribuições, questionar suas práticas pedagógicas cotidianas, que, muitas vezes atreladas a um fazer acrítico, acabam por reforçar situações de racismo, impactando, assim, na constituição da autoestima positiva das crianças negras, de seu processo de pertencimento étnico.

CONCLUSÃO



A experiência relatada visou promover o acesso das crianças a elementos que valorizassem a estética afro-brasileira e que mostrassem o negro em papéis sociais que não reforçassem uma imagem estereotipada e pejorativa da população negra; além de sensibilizar os profissionais sobre a importância de incorporarem a temática racial no processo de cuidado/educação voltados às crianças.

Há ainda uma grande escassez de produções científicas que abordem sobre a temática étnico-racial, no eixo educação-saúde, especialmente com ações direcionadas ao público infantil. Os textos que fundamentaram este projeto, em geral, estavam relacionados ao setor da educação e a implementação da Lei 10.639/03. Essa ausência de relatos de experiências/estudos relacionados a este assunto reflete uma lacuna na saúde ao desconsiderar a raça como um elemento importante no desenvolvimento de suas práticas de cuidado.

O PSE se torna um ponto de partida fundamental na tentativa de inserir no processo de trabalho destes profissionais uma atuação antirracista. Os documentos norteadores para o desenvolvimento do PSE apontam para uma abordagem de promoção e prevenção a saúde, com a possibilidade de incluir elementos da cultura afro-brasileira nos tópicos sobre alimentação saudável, práticas corporais, promoção da saúde ambiental, com ênfase na cultura africana e sua valorização dos elementos da natureza (relação com as plantas, a terra).

Nesta experiência entendemos como grande lacuna, a falta de oportunidade de uma construção coletiva entre as proponentes deste trabalho e a escola. Sabíamos previamente dos possíveis desafios que haveria de enfrentar ao executar este trabalho nesta escola específica, mas a escolha teve que ser feita na perspectiva da viabilidade do deslocamento para a execução das atividades, e no fundo, uma esperança de desenvolver de forma exitosa um engajamento da escola e das famílias envolvidas, a partir das experiências proporcionadas às crianças.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior da CAPES, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Ministério da Saúde pelo suporte financeiro.



Agradecemos também à Profa Dra Laisa Liane Paineiras-Domingos, por seu apoio pedagógico e científico na construção deste relato e sua disponibilidade como colaboradora correspondente.

REFERÊNCIAS

1. Bento MAS. A identidade racial em crianças pequenas. In: Bento MAS (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012, p.98-114.
2. Soares MC. Relações raciais e subjetividades de crianças em uma escola particular na cidade de Salvador. [dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos; 2011.
3. Munanga K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ, 2003.
4. Silva Júnior H, Teixeira D. O direito da criança e do adolescente e a promoção da igualdade racial. 1ª edição, São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2016, pp.5-39.
5. Franca DX de, Monteiro MB. Identidade racial e preferência em crianças brasileiras de cinco a dez anos. *Psicologia* 2002; 16:293-323.
6. Máximo TACO, Larrain LFCR, Nunes AVL, Lins SLB. Processo de identidade social e exclusão racial na infância. *Psicologia em Revista* 2012; 18(3):507-526.
7. Schucman LV. Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. *Psicologia Política* 2010; 10(19):41-55.
8. Brasil. Plano Nacional Primeira Infância: 2010-2022|2020-2030/Rede Nacional Primeira Infância (RNPI); ANDI Comunicação e Direitos. 2ª ed. (revista e atualizada). - Brasília, DF: RNPI/ANDI, 2020.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – 3. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017. 44.
10. Brasil. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Instrutivo PSE/ Ministério da Saúde.



Secretária de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 5-43.

11. TV Brasil. Guilhermina e Calendário. Acessado em: 03 de fevereiro de 2020 Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/guilherminaecandelario>.

12. Vieira, Kauê. Bino & Fino. Acessado em: 03 de fevereiro de 2020. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bino-fino-representatividade-negra-na-programacao-infantil/>

13. Nana & Nilo. Nana & Nilo. Acessado em: 03 de fevereiro de 2020. Disponível em: <http://nanaenilo.com.br>

14. Sousa NS. Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social/Neusa Santos Souza. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983

15. Oliveira JM de. Os feminismos habitam espaços hifenizados - A Localização e Interseccionalidade dos saberes feministas. Ex aequo [online]. 2010; 22:25-39.

16. Ramos AC. A construção social da infância: idade, gênero e identidades infantis. Revista Feminismos 2013; 1(3).

17. Federico RM. Raça e Espiritualidade: o pensamento clínico nas práticas da psicologia escolar. Revista ABPN 2018; 10(24):183-197.

18. Oliveira F. de, Abromowicz A. Infância, Raça e “Paparicação”. Educação em Revista 2010; 26(2):209-226.